

Carlos Massa Ratinho Junior

Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Ilana Lerner

Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital
Omar Godoy

Jurados | Conto Julie Fank Marcos Losnak

Preparação editorial João Lucas Dusi

Revisão

Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação **Thapcom.com**

Ilustrações e capas **Cantalupo**

Dados internacionais de catalogação na publicação Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Nogueira, Leonardo Gomes

Quando perdemos o norte [livro eletrônico]/ Leonardo Gomes Nogueira. - Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2020. 83 p. - (Biblioteca Paraná)

"Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria contos" ISBN 978-65-89223-09-2 (e-book) PDF

1. Contos brasileiros, I. Biblioteca Pública do Paraná, II. Título.

CDD (22° ed.) 869.3

QUANDO PERDEMOS O NORTE

Leonardo Gomes Nogueira



SIMULADO DE ABANDONO

(OU O EXEMPLO DA CIDADE QUE AUMENTOU O PIB)

Assim era

Alta_Mira. Aqui não tem cidadão, nem como palavra-chave do banco de dados tem disso não, apenas função predeterminada. Indígenas se tornam dependentes do álcool e, quando de um desgoverno de centro-culpa, de alguma bolsa estatal. Isso quando não são devorados pelas epidemias dos brancos. Ribeirinhos, dependentes de químicos variados, em número crescente, se dividem entre o encarcera e os encarcerados. Forasteiros têm a missão de construir certa usina hidrelétrica ("a maior 100% brasileira"); são os Candangos do século vinte e um, assim como eram chamados os Nordestinos que ergueram Brasília no interior do anterior. Trecheiros do Maranhão (e de outros estados), de cidade em cidade, de trecho em trecho em busca de trampo, virão aos masculinos milhares. Poucos permanecerão após a muralha ferir o rio Xingu.

Quem sobra viverá de sobras.

1

"É fácil entendê... O Brasil é como uma casa. E a região Norte: o quintal."

"Daí, depois do baile, eu tive um intercurso com uma jovem senhora..."

"Um quintal cheio de mato, muito maior que a área construída, que é a realmente útil... Que é a área que interessa!"

"Inter o quê?"

"E o orçamento do governo é como o da família. Se a grana é pouca, o que a gente faz?"

"Sexo!"

"A gente corta onde dé e vende o que dá."

"Tu é leso? Sexo! Anal, meu filho. Mas isso foi na época da minha vida mundana..."

"E se a gente tem um quintal bem grande, cheio de mato, vendemos uma parte do terreno, ué."

"Tu sabes, né? Hoje sou crente. É meu testemunho."

Um bar cheio de drogas e ruídos. Ao lado de um jesus é fiel e mais ruídos. Ele não vê, mas ouve um político bem clichê na TV, o Conhecido antigo e um áudio baixinho do Colega. Ele ouve, porém não escuta: os lugares-comuns se misturam no vácuo da mente. O único plasma em abundância por aqui é o da TV. E, quando alguém é Baleado, o que também é abundante, irá faltar plasma no momento da cirurgia — supondo tempo e condições para —, embora lá da recepção o plasma-pastor abunde aos berros. O Colega do Carona era quase pontual em seus atrasos. O tempo de lavar o pinto na pia sem que o véu se desvele demais, o que é ruim para o humano, mas favorável aos fungos e às bactérias que hoje colonizam essa pequena porção de pele. São os aplicativos de sexo, sabe. O Piloto, Colega do Carona, derrapa em frente ao boteco intimidando ruídos rivais com o escapamento Assusta Bicho/Acorda Bebê/EMPUTE-CE MÃE. O Carona se despede do Conhecido velho, sobe na garupa da moto e segue.

Late! Late! Late!

Ladra um Cão no começo da estrada de terra. Escurece. O farol ilumina o pó em suspensão e um Tamanduá-bandeira em putrefação. O Carona fica inquieto, resiste ao desconforto o quanto pode: é que o bicho morto o perturba. Algo como a tristeza... Uma ancestral dela. Ele não parecia estar programado para sentir esse tipo de coisa que parece inata. Só parece. Lembra da Mãe, da sua: se observássemos, como os antigos, era possível saber como seria a cheia. Cheia, protestavam Índios e Ribeirinhos, praticamente revogada no rio Xingu modificado. O Tamanduá-bandeira, sua Mãe sabia, se alimenta de Formigas e, sabe-se lá meteorologicamente como, elas se antecipam e constroem um pouco além de onde a água alcançará... No passado, onde tinha Tamanduá tinha Onça.

2

O Carona desce da moto, entra em outro bar, tão barulhento quanto o último, usa o berro!!! e pula de volta na garupa. Três tiros. O morto é um líder Ribeirinho. Todo ano, dezenas de canoas percorrem o rio Xingu para denunciar os impactos da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. É a Canoada. A Companhia controla o fluxo de água que passa pelas comportas. É o Hidrograma. Controla, portanto, a vida. A Volta Grande do Xingu, uma curva de cem quilômetros de extensão, fica logo depois da barragem e agora é imprevisível aos que ali vivem faz dezenas ou mesmo centenas de anos. Antes os seus moradores — o que inclui, entre outros, Humanos, Onças, Tamanduás e Formigas — sabiam o que esperar do rio. Quelônios e Peixes agora são difíceis de achar e, portanto, comer e, por isso, surgirá fome inédita. O peixe Acari-zebra está DESAPARECIDO (e sem direito a cartaz). Tudo isso foi o que motivou o povo Yudjá, Ribeirinhos e Aliados a criar a expedição anual. Mas nem mesmo a denúncia de uma derrota é aceitável. O volume de água que deverá passar pelas comportas é o centro de um conflito desigual quase nunca noticiado. A Companhia, por ora (e com o apoio de quem ora), tem poder sobre todos os mundos do entorno. Ela reina, governa e ainda conta com o patrocínio moral da recriada Sociedade Internacional para a Supressão dos Costumes Selvagens. Tadinhos, é O Fardo do Homem Branco!

3

A ideia era plantar cana e cânone na cabeça de indígenas e outros "selvagens". Mas, com tanta cana ao sul, uma usina terá serventia ao norte. Ela ficará em algum ponto de Alta Mira (o maior município do país, com 159.533 quilômetros quadrados). Desde o começo da sua construção, se esboça certa tendência ao apocalíptico. A população dobra, a carcerária quadruplica. A violência se cronifica. A moto para a dois metros de um ponto de descarte irregular que será inaugurado na próxima frase. O Carona desgarupa, arremessa a arma no rio e volta ao assento para descer somente no reassentamento. Ao longo das obras, milhares de Ribeirinhos, que há gerações viviam às margens do Xingu, serão expulsos e realocados em bairros precários, sem sequer a possibilidade de escolher onde ou quando, dividindo famílias e amigos antes próximos. Redes de afeto desfeitas. Não só: inimigos, dantes distantes, viram vizinhos. São os Reassentamentos Urbanos Coletivos (RUCs). Periferias premeditadas sem saneamento e sempre instável coleta de lixo, farejadas primeiro e só depois vistas. Sobretudo no calor. E ali não tem esse negócio de polarização: é sempre calor. E agora é cada vez mais quente com o estímulo ao desmatamento. Pagam pela água noutro tempo grátis. Casas branco-barro sem espaço para redes e, antes da usina, quase todo mundo tinha a sua rede física e afetiva. O Carona entra em casa. Poderia ser outra, pois todas foram construídas de forma idêntica. Nem liga a luz porque a conta é cara, muito mais do que no sul do país, embora a usina seja um incômodo ao norte. Ele mora só. Do pai não sabe, da Mãe sente saudade. Ela ingeriu soda, só que da cáustica. Ela sentia falta da beirada, de tomar banho no rio — agora a cinco quilômetros medidos em pedras e pó. Deprimiu pela falta do rio. Seria o diagnóstico se alguém tivesse se interessado. A Mãe foi a última da sua linhagem que dominaria certos fazeres como limpar, cortar, enfim, preparar um peixe. Naquela noite o Carona sente-se vazio: rasga um saquinho, draga gordura vegetal, cloreto de potássio, aromatizante, realçador de sabor, glutamato monossódico, guanilato dissódico, inosinato dissódico, antiumectante e trisca com o sono. Noites Longas/Manhãs Breves. O Carona não se recordará do terror noturno...

4

O Carona levanta previamente ao acordado com o despertador do celular. Tem sido assim: mais pesadela que sonha. Da geladeira pega uma garrafa já aberta e traga água com milho, antioxidante INS 3000, estabilizante INS 405, acidulante INS 270 e aí sim acorda. Hoje é dia da segunda, da parcela final pelo serviço de ontem. Abre o forno que traiu o seu Criador e hoje serve como um perfeito repositório de ferrugem, sem que tenha sido projetado para esse fim, assim como praças de cimen-

to que não foram pensadas para esse fim, mas que são ideais para a prática do skate. Pega um pedaço de pizza e o deixa cair e de novo (e de novo) a velha fatia. Tudo desliza, foge da sua mão que nunca foi de vacilar, bom, é cedo, pensa. Quando tenta amarrar o tênis, merda, o cadarço lhe escapa como uma Cobra esgueirando-se. E de novo e de novo. Então se dá conta de uma ausência. Ele grita. E de novo e de novo.

5

E é outro bar cheio de drogas e ruídos. Bem próximo de outro jesus no comando e mais ruídos. Alta_Mira mira Brasil: ora bar ora orar. Dá dó dos bichos que ainda tentam se comunicar nas proximidades... O Piloto, ao telefone, acena pedindo só um minutinho. O Carona aguarda que o irritadinho pare de discutir com a namoradinha.

PILOTO — Fala, maninho, mal. Foi mal.

CARONA — Tua namorada?

PILOTO — Nãoooo! Vagabunda do caralho... Só co-mendo.

CARONA — Tu num gosta dela?

PILOTO — Gosto, mas não.

Era dialético o seu gostar. O Piloto tava e não tava no relacionamento. Um babaca quântico. Alguém sempre pode se tornar o seu contrário. E o do Piloto é ainda mais imbecil.

PILOTO — Urgência? Entendi que era urgente.

CARONA — É... Tu... Tens dormido bem?

PILOTO — E quem, né? Tu veio perguntá isso?

CARONA — ...

PILOTO — Vai falá ou não?

CARONA — Perdi o dedo.

PILOTO — Cortou?

CARONA — Não. Perdi.

PILOTO — Como assim?

CARONA — Como quando perdemos coisas que somem...

PILOTO — Como assim?

CARONA — Eu dormi e acordei sem.

PILOTO — Mas tu... Sem o dedo?

CARONA — Ele sumiu!

PILOTO — Qual? O imoral?

CARONA — Não.

PILOTO — Qual?

CARONA — O qual... O que atira.

O Carona mostra o ausente. Não tem nada para se ver, é claro. Nem mesmo uma cicatriz, é como se ele nunca tivesse existido. O dedo se foi. Antes fosse o imoral, o do meio; sem o indicador, o Carona não poderá mais puxar o gatilho. Sua vida profissional está acabada. O que, saravá, salvará vidas!

6

O custo de vida em Alta_Mira é de matar. Em poucos anos, a população humana dobrou com viés de alta. Outras decresceram com viés de baixa. Com a diminuição da pesca e da produção de alimentos pelas famílias reassentadas, agora se importa tudo o que antes se colhia, coletava ou pescava. Os salários — e nem todos têm um

— pouco podem diante das infinitas opções que o capitalismo oferece. O Carona, mesmo tendo guardado algum, precisa de outro trabalho, de preferência lícito, mas lhe faltam referências. Ele não pode mais usar o dedo indicador da mão boa que fazia mal. Não pode mais atirar. Não profissionalmente, ao menos. E bem no dia em que ele não estava procurando, vê VAGAS em uma placa improvisada no prédio descascado da Defesa Civil. A Companhia, a dona de tudo e também daquilo que respira abaixo e acima do nível do rio, precisa oferecer poucas contrapartidas, mínimas compensações pelos impactos que a usina trará ao meio ambiente assim que aterrissar. Dois esboços básicos são rapidamente rasurados para o caso de um fim de mundo localizado. O Plano de Segurança de Barragens (PSB) e o Plano de Ações Emergenciais (PAE) eram insuficientes e jamais foram implantados. O Carona está na triagem que lembra mais um dia de visita na prisão e ele sabe bem o que está sentindo porque já passou por isso. Quem trabalha agora é chamado de colaborador. Até mesmo associado, como se sócios fôssemos.

DEFESA CIVIL — Sem querer ser, mas já sendo...
Tem filhos?

CARONA — Não.

DEFESA CIVIL — Ótimo. Tu sabes o que é um simulado?

CARONA — Simulado?

DEFESA CIVIL — Simulado.

CARONA — Tipo prova?

DEFESA CIVIL — Tipo... Simulado de abandono?

CARONA — Não.

DEFESA CIVIL — É para o caso, improvável, da barragem se romper. As pessoas precisam ser removidas rapidamente. Precisa ter um plano de emergência... E para que esse plano funcione precisamos dos simulados. Simulações de como remover pessoas que...

CARONA — Mas elas já foram removidas, né? Não? DEFESA CIVIL — É diferente. Removidas no caso da barragem vir abaixo. Se ela romper. O que é impossível! Se isso acontecer, o que é quase impossível, a gente precisa evacuar a área. Mas isso é bem pouco provável...

CARONA — Posso pegar uma bala?

DEFESA CIVIL — Pode. E com o simulado a gente treina a comunidade. Assim as pessoas sabem o que fazer na hora do... E a gente precisa de gente treinada. Gente para orientar, indicar rotas de fuga, explicar todo o procedimento em caso de...

7

É cedo pra quem não madrugou e se entupiu de droga até tarde. Esse é o caso do Piloto. Ele liga para o ainda desempregado Carona. Tá patente, evidente que o Piloto precisaria de um parente importante para livrá-lo da merda que acabou de fazer. O Carona, na dúvida, vai até a casa do ex-parceiro armado. Em caso de necessidade ainda pode atirar, porém, até a arma sente, a mão que sobrou é a de um amador. O Piloto está com o cabelo molhado, berma e regata limpas. No passado, a água desse banho viria direto do Xingu, mas o país do futuro chegou.

CARONA — E aí?
PILOTO — Qué algo?

CARONA — Café?

PILOTO — Tem não.

CARONA — tão não.

PILOTO — Como?

CARONA — Então não.

PILOTO — Teu dedo voltou?

CARONA — Porra nenhuma.

PILOTO — Merda.

CARONA — Quê?

PILOTO — Vai vê vou mostrá.

O Piloto indica o quarto. O Carona vai, se choca e volta.

CARONA — Caralho! O que tu fez com ela?

PILOTO — Eu acordei... E meu pau tinha sumido, porra!

CARONA - Caralho.

PILOTO — Eu bebi... Tava... Muito loco. Misturei muita coisa... Uma pororoca de droga. E...

CARONA - E?

PILOTO — Eu acordei sem a porra do caralho do meu pau! E... E eu achei que a vagabunda tinha arrancado meu pau por ciúme... A gente tinha brigado ontem... Enchi ela de porrada. Exagerei...

CARONA — Exagerou? E esse sangue todo?

PILOTO — Maninho... Tava muito loco. Usei tudo que... Uma pororoca de droga!

CARONA — Já entendi. E esse sangue todo?!

PILOTO — Eu... Pensei que meu pau podia tá lá.

CARONA — Lá onde?

PILOTO — Lá dentro.

CARONA — Dentro de onde?

PILOTO — Lá dentro do cu dela.

CARONA — Como assim?

PILOTO — Porque eu comi o cu dela... Acho que por isso pensei nisso... Nessa ideia... E aí eu peguei uma faca e... Abri bem o cu dela pra vê... Se tinha algo lá dentro.

CARONA — Meu deus...

PILOTO — Eu achei que ali, lá no cu dela, tava a cloaca do universo... Sabe?

CARONA — Cloaca? Minha nossa senhora...

PILOTO — Achei que ali... Bom, depois do banho, é, bom, eu já não acho isso... E eu nem sei bem por que achei.

CARONA — Maninho...

PILOTO — Eu pensei, achei que o meu pau… E que até o teu dedo perdido podiam tá ali dentro! Mas… É… O que rolou com o teu dedo? E agora com o meu pau? Pensei que as coisas que a gente mais usa podiam tá ali e que era só pegá de volta. Eu ia devolver o teu dedo… Juro. E pegar meu pau de volta… As coisas que a gente mais usa, sabe?

CARONA — Até que uso meu pau também...

8

Nenhuma resposta do Simulado de Abandono veio ou virá. Até para tocar os sobreviventes entre um fim de mundo e outro, ao que parece, é preciso de mais qualificação. O currículo, feito há duas semanas, além de ignorar a norma culta, era cheio de vazios suspeitos. Ex-matador intermitente é algo que não pode colocar como experiência se não é o tipo de experiência que o empregador procura. Até o nome, acompanhado de um sobrenome,

tinha um errinho de português. Contudo, o desemprego oferece algum tempo e o Carona repara em outros mundos enquanto fuma ou atira. Bem cedo, em um retorno claudicante do BARulho, vê uma paca. Mas esse bicho só sai para se alimentar ao entardecer. Numa tarde topa com uma anta. Um bicho noturno. Ou não? Ele já duvidava de tudo o que a sua Mãe havia lhe ensinado sobre esses mundos paralelos. Na parte fantasma da cidade, pois, depois do fim da construção da usina, milhares se foram, abandonando bairros inteiros de Alta Mira, ele vê e não acredita. O Carona vai lá, de vez em quando, treinar a pontaria: janelas, portas, talvez algum bicho azarado. Tudo é alvo. Da periferia do olho esquerdo, ele vê e desvê algo que não poderia ter visto posto que isso simplesmente não pode estar acontecendo: um bebê desliza, se move de costas no chão de terra, como se uma esteira rolante o conduzisse por um aeroporto caboclo arruinado. O bebê, na realidade, não desliza, porém, o que de fato acontece é tão absurdo quanto: o neném é arrastado por saúvas saciando sua fome pré-histórica.

9

Como nos reassentamentos, ressentimentos foram espremidos em apertados pavilhões da inacabada prisão de Alta_Mira. Uma luta entre facções explodirá. As escovas de dente já foram afiadas. O Piloto, preso, terá outra parte do corpo separada do mesmo. Jogarão futebol com ela. Não é tão apropriada quanto com uma bola, mas ali não se busca o aprimoramento desportivo e sim mandar um recado aos rivais. Hoje é dia de visita. O Piloto faz um gesto por cima da garrafa PET e dos copinhos de plástico

que se espalham inertes. Eles não reagem. No passado, teriam arrancado, sem dificuldades, o braço do autor desse gesto. Todos são dinossauros bastante modificados desde a penúltima era geológica. O único que reage é o Carona, que se aproxima no passo cauteloso da Onça enquanto movimenta a cabeça no ângulo inalcançável da Coruja. Ele conhece alguns dos presos. O Piloto está firme, mas um tanto distante. Como um trem que já partiu... Levando todo o minério de ferro de Carajás.

CARONA — Tu sabes... Tem coisa estranha...

PILOTO — Não diga.

CARONA — Tu...

PILOTO — Tu é leso, é? Eu conheci um cara... Um contrabandista. Ele anda muito por aí... É o trabalho dele. Ele me contou coisas que... Olha, aproveita que tá livre, pega sua moto e vá até aonde nunca foi.

CARONA — Como assim?

PILOTO — Enche o tanque, pega uma estrada e vai embora. Tem que dirigir por bastante tempo. A noite toda, um dia inteiro. Ignore qualquer placa. Não pare. Dirija. Vá além de Altamira.

CARONA — Bora lá só tu.

PILOTO — Não tá curioso?

CARONA — Conta.

PILOTO — Não sei... O arrombado nem conseguiu descrever direito... Mas...

10

O Carona enche o tanque e parte, mas parará duas vezes antes de partir pra valer porque questiona se real-

mente deve fazê-lo. Não que ele tenha obrigações que o impeçam, a questão é outra e pode ser formulada dessa ou de muitas outras formas: irá tão longe por causa do boato de um contrabandista? Irá. É uma estrada de terra já conhecida. Topa com o tamanduá, o mesmo que tinha visto há semanas. O bicho não se decompôs. Um corpo incorrupto? Como os santos criados pelos humanos? Existiria esse tipo de fenômeno entre os animais? Fé. Os animais têm fé? No cemitério clandestino logo adiante, bem conhecido pela bandidagem, observa o fogo-fátuo formado pelos gases que escapam dos mortos. São tantos cemitérios do tipo que a única lenda que sobrevivia ao "desenvolvimento" era a do persistente boitatá. Cruza com um moleque de bike vestindo camiseta verde e amarela. E de novo e de novo. O mesmo moleque. Anda em círculos? Ou o moleque seria um fantasma? Um xapiri? Algum tipo de espírito cuzão ou coisa pior da floresta? Ou ele estaria delirando? Pensa em atirar no pé do menino pra ver se sangra, no entanto, não trouxe o berro! Um letreiro indica o limite de Alta_Mira. Depois, uma sucessão enferrujada de adversidades inscritas que sugerem que é melhor voltar: PARE, queda de barreira, pista interditada, não siga, risco de morte etc. Placas que ele jamais tinha visto porque nunca tinha ido tão longe. Quase bate. Após horas em uma estrada monótona (pois o trecho seguinte parecia uma repetição do anterior e assim sucessivamente) se depara com um puta paredão. O muro parece se estender infinitamente, dividindo a mata, a estrada, o mundo, em suma, em dois lados. Desce da moto, se estica, reaviva partes mortas e se aproxima da muralha. São blocos cinza, empilhados, divididos, a cada x metros

que ele não se preocupou em calcular, por colunas ao estilo greco-paulista. O mais incrível: o paredão parece ser limpo com muita frequência, visto que não há sinal de plantas ou bichos em suas paredes estranhamente asseadas, nada parece crescer ali e a floresta, quando os humanos estão desatentos, tudo retoma. Atrás do muro, no alto, ele enxerga algum sinal de vida em pedaços de árvores, mas, quando repara, o que vê são copas podadas, na verdade, recortadas, incompletas, como em um videogame antigo com partes do cenário que ainda estão baixando, que demoram para carregar e aparecer por completo. Escuta estrondos. Pensa em garimpeiros ilegais nas proximidades, o que é quase tão comum quanto a chuva equatorial, mas é um barulho bem diferente do da dinamite ferindo o solo. Ele se lembra muito bem das explosões que criaram a Usina de Belo Monte. Uns oitenta metros antes do muro há um morro. Do alto, quem sabe, pode ser que consiga ver algo e decide subir do jeito que der. O Carona usa o cel pra iluminar o caminho até o céu. Ele escorrega, tromba, se corta, tudo várias vezes, na trilha que ainda não existe. É mata fechada. Improvisa o capacete como facão e a mão como pata. O caminho é ingreme. Antes que possa mirar o horizonte, ele mija apertado que estava e só então o estropiado vê algo que, qualquer um concordaria, não pode estar acontecendo a imagem é idêntica ao seu pesadelo mais recorrente. O firmamento agora não parece tão firme.

Chama o Xamã!

Deve-se começar a trabalhar com a possibilidade de estarmos dentro de uma simulação de computador criada por alienígenas. Eles são parecidos com nós, da mesma geleia genética, daqui mesmo, colados ao nosso mundo, donos dos CEPs mais caros e exclusivos do planeta Terra.

11

Aos cinco dias do mês de maio de dois mil novecentos e dezesseis foi entregue ao povo brasileiro a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, em Altamira (PA).

Frio. Rigoroso. Os subordinados suam. Móvel metido a rústico de madeira certificada da Amazônia. Além de computadores e da papelada, temos água mineral e café orgânico. A Diretora, sozinha em uma das laterais da grande mesa retangular, folheia a pele das árvores. O Gerente aguarda, assim como o Coordenador, assim como o Supervisor aguardará. Todos do outro lado da mesa que ninguém sabe explicar como passou pela da porta. A Diretora ri. E dá pra sacar: é de escárnio, talvez deboche e não, de jeito algum, de alegria. Mãos corporativas que jamais ressecam, graças ao creme de origem amazônica que promove um impacto socioambiental supostamente positivo na região, se agitam.

DIRETORA — Sinceramente... Que clichê! Comparar o Brasil com uma casa, o orçamento público com o de uma família... O autor disso aqui tá com carência de alguma vitamina? Ridículo. Coisas completamente diferentes. Concordam? Preciso ser muito objetiva com os senhores: muito fraco. Que universo... Pobre. Miserável.

O Gerente, com muito cuidado, pede a palavra.

GERENTE — Senhora, em defesa do...

DIRETORA — Lute pela autoria. Em frente!

GERENTE — Nos baseamos... Consideramos, com base em nosso escopo, o que o brasileiro médio aceitaria... A resposta média do brasileiro médio. O que ele tenderia a ver como razoável, como o mais próximo do real. Pra que não desse um, digamos, tilt. E muitos acreditam nisso. Usamos o nosso banco de dados, informações da pesquisa de campo e cruzamos com dados do IBGE, Ipea e...

DIRETORA — Um momento. Não foi possível estruturar um cenário mais sofisticado? A ideia, afinal, não é analisar o reacting e trabalhar a partir disso? Se antecipar?

O Coordenador, com muito mais cuidado, pede uma palavra.

COORDENADOR — Senhora, se eu puder...
DIRETORA — Fale.

COORDENADOR — Sim. A ideia é analisar a reação das pessoas e... As primeiras simulações tiveram parâmetros mais sofisticados e acho que todos concordamos que, infelizmente, foram sofisticados demais, por assim dizer. Excessivos. Ambiciosos. Não funcionou. Além disso, precisávamos avaliar um cenário mais pessimista. O cenário do "desacerto", como classificamos. Isso exigiu um rearranjo...

DIRETORA — A ideia é se antecipar aos possíveis impactos, correto?

O Coordenador nem chega a...

DIRETORA — Mas como podemos nos antecipar aos problemas se a simulação em si está cheia deles? Reciclagem é pouco para o que pretendo fazer com a equipe de programação. Um exemplo: o comportamento dos animais. Os técnicos não estudaram isso? Animais noturnos andando por aí de dia. Ou o contrário. Team building? Acho que não.

O Supervisor, com tanto cuidado que quase não o faz, pede apenas uma palavrinha.

SUPERVISOR — Senhora, de fato, houve uma falha. Estamos fazendo alguns ajustes, corrigindo o problema. O técnico responsável já foi demitido. Garanto que esse problema foi pontual, localizado. Acreditamos que apenas um dos Dispositivos tenha notado essa anomalia...

DIRETORA — Dispositivos?

SUPERVISOR — É assim como denominamos os indivíduos... Os avatares dos participantes da simulação.

DIRETORA — Ah, sim. Continue.

SUPERVISOR — É fato que um dos Dispositivos notou essa anomalia...

DIRETORA — Inaceitável!

SUPERVISOR - Sim, senhora.

GERENTE — Senhora, o problema vai estar sendo sanado. Posso garantir. Mas é que o orçamento pra esse job somado ao deadline... A simulação ficou, de fato, aquém do que gostaríamos. Muito abaixo da programação inicialmente...

DIRETORA — Oras, mas se eu desse tudo o que vocês me pedem... Viraríamos o Ministério da Humanidade, uma organização de caridade e não uma empresa. Performar com muita grana qualquer um.

GERENTE — Claro, senhora, mas...

DIRETORA — Acha que se os impactos fossem mitigados, todos os problemas compensados, Belo Monte seria economicamente viável?

GERENTE — Creio que não, senhora.

DIRETORA — "Tu"?

GERENTE — Como, senhora?

DIRETORA — Eles usam realmente o "tu" no co-tidiano?

GERENTE — É...

COORDENADOR — Posso?

GERENTE — Sim.

DIRETORA — Prossiga.

 $\label{eq:coordinate} \mbox{COORDENADOR} \ - \ \mbox{Segundo nossa equipe de pesquisa, os paraenses usam muito esse pronome...}$

DIRETORA — E por quê?

COORDENADOR — O porquê disso eu não sei, senhora. Mas posso investigar...

DIRETORA — Não precisa. Não é relevante. Se concentrem no básico. Pois nem isso têm feito.

O Gerente, ao ver o novo tópico, quase tropica pra fora de si.

DIRETORA — Outro problema. Mais um... Não tem fim! Ao contrário da simulação, não é? O limite da simulação... Como vocês chamam? Borda?

GERENTE — Borda. Borda da simulação, senhora. Correto.

DIRETORA — Bom... Um número relevante de Dispositivos viu, alcançou a tal da borda. Chegaram ao limite da simulação, correto?

GERENTE — Sim. Casos isolados...

DIRETORA — Mas aconteceu?

GERENTE — De fato, senhora...

DIRETORA — E isso não deveria acontecer?

GERENTE — De fato, senhora. Não.

DIRETORA — Jamais deveria acontecer, correto?

GERENTE — De fato, senh...

DIRETORA — Os participantes, Dispositivos, dê o nome que quiser, jamais deveriam perceber que habitam uma simulação, correto?

GERENTE — De fato, se...

DIRETORA - E o que os tais Dispositivos viram?

GERENTE — Como?

 ${\tt DIRETORA} - {\tt O}$ que eles viram no limite da simulação?

GERENTE — Não sabemos ao certo... Mas supomos que cada um viu algo diferente. Uma lembrança, um medo, um sonho constante... Mas a verdade é que isso é desconhecido...

DIRETORA — Desconhecido?

O Coordenador quer Poder e (acha que pode) ascender um grau na hierarquia. Virar gerente ou mais, quem sabe. Então se antecipa.

COORDENADOR — Isso está sendo alterado neste exato momento pela equipe de TI, mas os Dispositivos, de fato, foram programados para não irem além de certo limite...

DIRETORA — Mesmo assim iam?

COORDENADOR — Surpreendentemente sim. Mas...

DIRETORA — E não tinha como criar uma borda que os enganasse?

Percebendo que a promoção foi adiada, ele passa o problema adiante.

COORDENADOR — Creio que o supervisor pode discorrer melhor sobre o assunto...

DIRETORA — Por favor.

SUPERVISOR — É... Tínhamos prazo e orçamento bem apertados para o job. E... Veja, senhora, Altamira é a maior cidade do país em área. A terceira do mundo. Sua extensão é maior que a de vários países... É gigantesca. Fizemos uma simulação com base nesse limite territorial, pois acreditávamos que isso nos daria uma grande margem de segurança. Então, programamos os Dispositivos para que eles tivessem percursos delimitados, ações em determinados espaços, nunca em um território tão amplo, jamais ir tão longe... Delimitamos o horizonte de eventos. E as diretrizes... Os parâmetros de conduta foram restringidos, mas...

DIRETORA — E não dá pra fazer algo como uma borda infinita?

SUPERVISOR — Como?

 ${\tt DIRETORA}-{\tt A}$ piscina da minha casa tem uma.

SUPERVISOR — Uma o quê, senhora?

DIRETORA — Uma borda infinita. Uma piscina com uma borda infinita. Não daria para fazer algo parecido, que enganasse esses tais Dispositivos? Com um custo bai-xo, é claro.

Os subordinados estão chocados com a completa ignorância que caminha, orgulhosa, bem no limite da arrogância. Hipoteticamente, eles ensaiam uma resposta, mas pensam na hipoteca.

SUPERVISOR — São coisas bem diferentes, senhora.

DIRETORA — Bom, de qualquer forma, algo deu errado.

SUPERVISOR — Deu sim, senhora.

DIRETORA — Identificaram o erro?

SUPERVISOR — Ainda não, senho...

DIRETORA — O que aguardam? Uma promoção?

GERENTE — Senhora, no momento, estamos analisando simulações anteriores... Pois, a partir disso, é o que esperamos, iremos identificar o que saiu do controle.

DIRETORA — E essa é a simulação de número?

COORDENADOR — Número 17, senhora. Mas são 13 simulações ocorrendo, simultaneamente, em diferentes estágios...

DIRETORA — Tem mais. Os Dispositivos tiveram sérios problemas de... Como vocês relatam? Sérios problemas de "configuração", correto?

GERENTE — Correto, senhora. Os dispositivos, em algumas situações pontuais, ocasionais... Algo incomum no ambiente da simulação... Posso garantir. É importante ressaltar. Esse problema será sanado em breve. Garanto.

DIRETORA — Por favor, me explica o problema de forma clara. E direta. O que é a tal da "configuração"? Ou a falta dela?

 $\hbox{COORDENADOR} - \hbox{\'e...} \ Alguns \ dos \ Dispositivos \\ \hbox{``perderam''} \ partes \ do \ corpo. \'e \ disso \ que \ se \ trata \ quando$

falamos de "configuração", senhora.

DIRETORA — Partes?

COORDENADOR — Como um dedo, uma mão... Partes do corpo. Um problema inesperado da simulação... Talvez pelo uso excessivo que os Dispositivos faziam dessas partes específicas dos seus corpos... Talvez isso tenha causado uma fadiga, sobrecarregado o material e o ambiente no qual...

DIRETORA — Quem é o responsável por isso? E como vamos resolver esse problema? SUPERVISOR — A equipe é enxuta, senhora, e está trabalhando no limite, então não vamos poder resolver do jeito ideal... Mas...

 ${\tt DIRETORA}$ — Quero saber como iremos sanar isso.

SUPERVISOR — Vamos reiniciar.

DIRETORA — Explique.

SUPERVISOR — É como reiniciar um computador... Dessa forma, acreditamos, os problemas serão resolvidos. Em tese, eles deveriam sumir... Os problemas. Como os de um computador.

DIRETORA — Acreditam? Em tese? Isso já foi feito antes?

SUPERVISOR — Já sim, senhora. Com relativo sucesso...

DIRETORA - E o que acontece ao reiniciar?

SUPERVISOR — A simulação volta ao normal, ao usual, ao que é esperado dela... Pelos nossos parâmetros, é claro. Fazendo isso, tudo volta ao seu devido lugar. As anomalias somem. Boa parte delas...

DIRETORA — Boa parte? Mas os Dispositivos não notarão a diferença? Isso é possível ser feito sem novos transtornos?

GERENTE — Posso responder?

DIRETORA — Sim.

GERENTE — Já fizemos isso antes, mais de uma vez, nessa mesma simulação. Com relativo... Tivemos uma boa resposta. Os Dispositivos terão apenas uma noite difícil, com pesadelos, mas acordarão novos. Sem anomalias físicas ou problemas em suas DAVS.

DIRETORAS — DAVS?

GERENTE — É sigla de Diretivas Antecipadas de Vontade, senhora.

DIRETORA — Esclareça.

GERENTE — São os desejos, preferências, interesses criados por nós previamente. É o guia... Melhor: é o que guia, o que limita a ação dos Dispositivos. O que restringe o seu livre-arbítrio... DIRETORA — Em tese, correto? Tem limitado?

GERENTE — De fato, temos problemas que são difíceis...

Um murro na mesa o interrompe.

DIRETORA — Belo Monte vai sair! E eu também.

Ela levanta e parte.

As simulações, sem exceção, apontavam para um resultado desastroso. Quem morava ali e muita gente que não também. Gritavam antes de calados ou ignorados. Nem gerar energia a hidrelétrica geraria. O lugar era inadequado. A oscilação do nível do Xingu era um impeditivo; quase cinco meses por ano de seca obrigaria a empresa

a desligar as máquinas. No futuro, a concessionária iria construir filhas térmicas, mais poluentes, para garantir que a mãe de todas entregasse a energia prometida. A criação destruidora se avizinha. A guerra dos mundos é inevitável. A liberdade não pode ser simulada, escreveu algum artista ou uma soma deles em algum coletivo já desfeito. Não lembro e não é esse o ponto. A liberdade não pode ser simulada. A opressão talvez. E foi já no primeiro tempo que os nossos ancestrais perceberam isso. Hoje somos uma força geológica sem lógica alguma. A Liquidação Final se aproxima. A queima de estoque acontece o ano inteiro. A Amazônia, afinal, é o jardim do quintal.

MORTE EM PLENO VERÃO E LÁ É SEMPRE VERÃO

Do Baixo Xingu se cai fluidinho no Baixo Amazonas...

Do alto da proa, o mais rico olha o entra e sai de fuzileiros navais. Documento, por favor. Documento, por favor. Documento, por favor. Multiplique as palavras anteriores, burocraticamente, por sete ou oito, por favor. Por último: atestado de óbito, por favor.

Um dos fuzileiros repara na linha-d'água. O barco está um pouco mais pesado do que deveria, segundo a papelada e o bom senso, mas aí se lembra do encontro: e, assim que bate a libido, ele se apressa em liberar a embarcação. Foi um tal de update em busca de um date que a soberania do Brasil acabará comprometida. Ele é o mais disciplinado da tropa, medalhudo e tudo, mas não transa desde o início da cheia. É a última inspeção até Parintins.

Não é veleiro. É velório. Brinca um dos tios.

Rio.

O mais rico deles alugou o barco, após pechinchar muito, para o transporte do corpo da avó de alguns, mãe de outros e matriarca de todos. Ela insistiu antes de morrer: não queria, de jeito algum, voltar pra Parintins de avião. Afinal, mesmo morta, essa seria a sua última viagem pelo rio Amazonas (filho de muitos, pai de muitos mais).

É noite. Eles só irão chegar com mainha de manhãzinha. Quem consegue, dorme. Quem consome, bebe. O mais rico, que bebe e fuma, tripudia todos os tipos de sobrinhos disponíveis; o concurseiro, o maconheiro e o que foi ao banheiro.

O barco para. O retrato que decora o caixão tomba com a ondulação. O capitão da embarcação, agora à deriva, avisa que o restante da tripulação está empenhada em consertar o motor. Não. Não há motivo algum pra alarde. Alguém ouve alarme.

Rio.

O concurseiro que, no entanto, é a favor de privatizar tudo, repara no letreiro que revela o número de tripulantes: dois. O capitão, mais alguém que ele ainda não viu e é só. Essa é a tripulação empenhada em reviver o barco. O sobrinho que tinha ido ao banheiro olha na mesma direção e, por precaução, anota o número da capitania dos portos.

O mais rico vê se o número de passageiros equivale aos daqueles laranjas que, em tese, salvam vidas. Não equivale. Ele guarda a informação e senta em um dos tronos para o caso disso que vocês estão pensando ser necessário. Mas ainda é cedo para o desespero. Joga o charuto na estrada fluvial e procura o capitão longe do leme, enfiado numa cova que guarda o morto motor. O capitão se levanta e projeta o corpo pra fora do alçapão, revelando testa como extensão da careca, ambas sujas de graxa, e escuta:

- Não podemos perdê a carga, pô.
- Carga?

- Caixão, cacete!
- Tá tudo bem, maninho.

É quando a tia de alguns e filha de uma acorda com o balanço apenas para voltar a dormir.

A vó, do alto do barco, diz que o retrato caído não faz jus, o caixão é de segunda e mergulha em um ângulo familiar no Amazonas.

A tia acorda. Conta primeiro e depois interpreta o sonho: a mãe qué fica no rio e se for preciso leva todo mundo junto, manos. Sonho é sério. Pra ela é sim. Somos feitos da mesma matéria dos sonhos, escreveu um parente antigo de longe. De uma ilha que não é a de Parintins. Porque parente a gente também escolhe.

Rio nervoso.

Chove. Venta. Uiva. O inanimado, vazio de intenções, ataca.

Precisa diminuí.

O capitão repete que sim, falo sério, precisa diminuir o peso. A tia reconta o sonho e sugere que o caixão seja lançado ao rio. A mãe ama o rio, sempre foi mais da água que da terra... O maconheiro concorda que a vó gostaria de ficar no rio e que até seria uma cerimônia mais bonita que um enterro... O capitão pede calma e diz que isso apenas em último caso. Pois existem leis, bem sérias, sobre largar caixões, ainda mais em uso, por aí.

O mais rico deles grita que isso é loucura, que pensar isso é um insulto ao nome da família, fala da memória de mamãe, que mamãe quer sim ser enterrada em Parintins, que mamãe não quer ser jogada no rio, que isso é egoísmo deles, que vergonha, que, que, que é uma indecência e que jamais, nunca, aceitaria que...

— Mas, mano, pensa na mãe, o rio parece chamá-la.

Do fundo do ninho das palavras, encharcado pelo álcool, ele manda todos calarem o bico e diz que o túmulo da família a aguarda, que nem deveriam cogitar isso e que...

O capitão, no momento mais transfigurado da madrugada, dá uma ordem e malas, coisas da cozinha e das cabines começam a chover ao encontro do rio. O peso diminui, mas pouco. É insuficiente. O capitão não entende como diabos ainda tá tão pesado. Pensa se isso não seria algum tipo de culpa cósmica, da grossa, daquela família... Todas têm, mas... Dispensa. Não é fácil dispensar. Porém, a urgência o obriga. A capitania dos portos, antes avisada, agora é alertada.

— Talvez a gente precise... Vamos ver, maninhos.

Todos entendem. O mais rico se desespera, demonstrando um apego inédito ao corpo agora inerte. Os outros já estão resignados ou até animados com a possibilidade da vó ficar e se unir ao Amazonas. Todos sabiam do seu amor pelo rio. Mergulhá-lá ali não seria mais próximo do seu desejo do que sepultá-lá lá? A tia jura ter visto um "sumidouro". O rio tá bravo, vai levá-la, manos. Um dos sobrinhos, o que tinha ido ao banheiro muito antes, repete a frase de um filme: vamos precisar de um barco maior. Alguém? Não? Bom, paciência, ninguém entendeu a referência.

O capitão pergunta se é sério se... Viu mesmo um redemoinho? Sim. Mas não deveria existir algo do tipo, não naquela área. Talvez, pensa escondido, ele, afinal, seja o problema, carregue algum tipo de maldição. Quase todo barco no qual o capitão entra vai a pique. Daí os seus preços irresistíveis, de desconfiar, é claro. Dez anos antes: o maior já sob o seu comando foi tragado, em segundos, pelo rio Solimões, matando dezenas. Pois no fundo dos rios, além de ancestrais, têm ralos.

 E é por isso que não deixam a gente enterrá nossos mortos onde quisé.

Nem todos ouviram e alguém pede que repita. É simples, recomeça. Não é por questões sanitárias, pelo diabo ou sei lá o quê. Não deixam a gente enterrá os mortos em nosso quintal ou onde a gente quisé porque vira um local sagrado e você não pode construir um prédio ou um posto de gasolina num lugar sagrado. E, se todo lugar é sagrado, acabou a mamata da especulação imobiliária, do lucro acima de tudo, manos.

— Loucos! Pó, pô! Num é do pó ao pó, pombas? A mãe quer ser enterrada, manos! Como é que... Último desejo, pô! Não vale nada? Ela não qué o fundo do rio! Seus, seus...

Sua sobrinha, que ainda não tinha entrado na história, do Movimento Feminista Amazonas, encerra o surto antes mesmo que ele possa... Quer ir no lugar da vó?! O tio olha a enormidade que o engloba e engole o choro.

Rio sereno.

A vó veio ao fundo. E como afundou rápido, nota o capitão. O mais rico perdeu a carga tão amada. Olha do alto da proa e pensa, por um instante, em se jogar. Um caixão recheadinho de cocaína...

Ele agora chora não consegue mais engolir não dá pra segurar não tem como não mesmo é forte demais para que ele consiga dar conta, senhores.

Pastores, de norte a sul do país, chamam a cocaína de demônio ralado. Para conhecimento. A droga logo se dilui. Imiscui em mim. Não é como o pó de yãkoana. Não. Esse acelerador de partículas é bem distinto.

Rio.

Deságuo de tanto Rio.

#PARTIUPARINTINS

Os ilhéus, poucos reconhecem isso, e isso é uma puta duma sacanagem, preservam algumas das mais Altas Esferas da Vida.

Duas mulheres e um homem. Trio num triciclo.

Triciclos são comuns nas ruas sem nome de Parintins. Ou eram. Foi, em algum tempo, o principal meio de transporte.

A linha do equador é logo ali na esquina, o que torna cada deslocamento mais longo em razão do forno a céu aberto. As rodas giram, no sentido horário que se convencionou, mas com dificuldade, graças ao esforço de apenas um dos três humanos.

O sofrimento de quem opera um triciclo, portanto, é cíclico. Como a Terra transitando de uma Era pra outra... Ao Sagrado Princípio do Todo ele invocará força e fé. Um pouco mais da primeira porque é o que o momento pede.

O objetivo é chegar ao curral do Boi Caprichoso. Curral equivale a quadra da escola de samba. Em Parintins você é azul ou vermelho, não tem outra cor ou mais ou menos. Seu melhor inimigo será Caprichoso ou Garantido.

A depender da sua preferência, o outro se torna o "contrário". É a forma cabocla de se referir ao que é inominável... Nunca abominável! Quando um dos Bois se apresenta no Bumbódromo, equivalente ao Sambódromo, a torcida contrária fica em obsequioso silêncio. A cada pedalada ele se lembrará, involuntariamente, de ofegar. O que poderá ofender certa passageira, como lerá, a seguir, quem chegou até aqui.

Uma das mulheres observa que o esbafoRir dele é mais gentil com a gente de fora:

- Com os gringo tá sempre rindo, maninho. Numa felicidade só! Até parece que a gente é mais pesada que os americanos. Duvido!
 - Num é isso, maninha.
 - Num é, maninho?
- É que... Cês comem farinha. São forte, pesadas.
 Cabocla de gordura dura...

Ele retomará o fôlego, folguedo, para completar na órbita seguinte:

— Americano é tudo esponjoso. Gordura mole!

O materialismo mágico dos parintinenses — ensinado, após a morte do método, pelos primeiros, os mais Altos Mentores — funciona assim: há casos para o médico e outros para o Xamã. Nada é tão rigoroso ou firme quanto o céu. Ou era.

É uma ilha enorme no meio de um puta rio imenso e é cada vez mais rápido cruzá-la de uma ponta a outra...

(P)AGUE ANTES DE CONSUMIR

Água & Sal. Poderia ser a composição bem simplificada do mar, pois não estou considerando, entre outros, os microplásticos que abundam, mas é apenas a da bolacha que ele come enquanto escuta. Amanhã ele também irá comer microplástico por meio de quem o come hoje. O menu ainda incluirá mercúrio.

O rio Negro, na cheia, parece um mar. Não é Azul da cor do mar, não sugeri isso em momento algum; o que, portanto, me desobriga a remunerar os herdeiros da (de) composição de Tim Maia.

- Peixe tem raiva de gente.
- Quê?
- Peixes têm raiva de gente! Eu disse.
- Da gente?
- De gente. Não da gente. De nós, humanos, no plural ampliado.
 - Por quê?
- Porque eles não se transformaram em gente. Houve um momento, há muito tempo, no tempo do amanhecer, em que estávamos na água e saímos, caímos fora, viemos pra terra... Viemos da água. Sabe disso, né?
- Sei da sopa primordial sim. Se recuarmos bem, temos a mesma origem, o mesmo ancestral comum, certo? Todos parentes. Somos, em parte, a saúva, a samaúna... Diferente, mas parente como disse o...
- Sim. Saímos ou fugimos da água. E os peixes ficaram pra trás. Nunca nos perdoaram. Ou nunca se perdoaram. É o que os antigos dizem...
 - tidos.

- Quê?
- Disse: ressentidos!

Um cardume de ressentidos se afasta quando o barco passa. O escritor sem leitor carrega um tipo diferente de ressentimento. Há dois desses exemplares de poucos exemplares a bordo. O motor é barulhento, porém, eles já não se ouviam direito antes de conhecerem essa máquina doente de atenção que os assombrará do nascente ao poente.

Um deles, o menos comercial do ponto de vista literário, sugeriu a viagem pra, potencialmente, pescar ideias e, certamente, afastar mosquitos. Manaus — São Gabriel da Cachoeira — Manaus. Três dias pra ir. Três dias pra se arrepender da ideia da ida. São mil quilômetros pelo rio: em linha reta é um pouco menos, todavia é impossível navegar em linha reta na Amazônia. Dá uma França. Com folga.

- Sabe... Essa bolacha aí tinha outro nome.
- Quê?

Com o barulho do motor, um deles dilata a pupila pra escutar.

- Essa bolacha, a do pacote, tinha outro nome.
- Qual?
- Não importa...
- Como num importa?
- O importante da história vem depois... Qué ouvi?

- Se conseguir quero.
- As pessoas comiam tanto dessa bolacha nos barcos que começaram a falar: essa é a bolacha que a gente come nos barcos, a bolacha do barco, logo, bolacha de motor. E daí a empresa, esperta, adotou o nome Bolacha de Motor[®].
- Uma grande vitória da sociedade! [IRONIA® é uma das suas marcas registradas.] Mas por que não bolacha de barco ou algo assim? Por que motor? Faz sentido saporra?
 - Talvez porque o motor seja (inaudível).

Uma Bélgica após a partida, o mais comercial entrega um caderno.

- Qué isso?
- Já tinha começado algo... É a primeira versão. Tá nascendo...

O bebê clichê é aberto, partido ao meio salomonicamente.

- Harry Potter®?
- O novo Harry Potter®. Leia as letras menores... Tá vendo? É um título provisório.
- Pô, mano, mas é que, porra, como é que isso se, sabe, se ainda...
- O novo Harry Potter $^{\text{®}}$ sem o bom e velho Harry Potter $^{\text{®}}$.
- Ainda assim... Harry Potter®? Soa familiar? Ou você tava em coma? Harry Potter®?!

— Qué para de repeti. Acabam que nos cobram direitos autorais...

O menos comercial não entende ou não escuta a ironia. Os brancos — o povo da mercadoria — realmente cobram pelo uso de certas palavras. A ironia, outra coisa dos brancos, vem de graça. Ah, a ironia: ela é boa para "limpar" o terreno e devastar tudo como uma queimada retórica. A queimada na Amazônia, uma motosserra grita com virulência, não é metafórica. A ironia, no entanto, é inútil para construir algo no lugar das falsidades que revela, escreveu, algo do tipo, mais ou menos assim, de um jeito que só ele, um escritor que foi sucesso de crítica, público e depois se enforcou. Necessariamente nessa ordem.

- Bom, ao menos, não é autoliteratura.
- Deus me livre! Autoliteratura é a selfie da literatura.
 - Mas conta, adianta um pouco.
- Criei uma história de magia à brasileira. No lugar dos feiticeiros da gringa, os nossos xamãs. Ao invés do trem, barco. E por aí vai... Leia. Depois diz...

Ele folheia as peles de papel e duas Dinamarcas depois dirá...

- A proposta é um livro infantil?
- Infantojuvenil. Assim como... Cê sabe.

O menos comercial vê o potencial comercial da coisa assim como algum empresário o viu no suco de cupuaçu[®] geladinho que ele bebe...

- Olha, só me preocupa... Tem que adequá umas partes. Exemplo: quando o xamã usa yãkoana. Não deixa de ser uma droga, um alucinógeno.
- Mas a yãkoana é fundamental pra que o xamã acesse...
 - Sei pra que serve!
 - Então o que sugere?
 - Troca yãkoana por outra coisa...
 - O quê?
- Algo que a pessoa também beba... Tem que soar parecido. Sei lá, ué.
 - Tipo o quê?
 - Yãkoana... Yãkoana... Yakult®!
 - Boa! Posso até oferecer um merchan...

Ao digitar yak veio yakult e não yãkoana. O computador, afinal, foi criado à nossa imagem e semelhança. A busca tem pressa, o processador de texto é implacável.

Se um deles tivesse rede, não a de dormir ou pescar, saberia — em uma pesquisa rápida — que a história dos peixes nem era do outro, mas de algum Tukano ou de todos dessa etnia. Origem e Originalidade se encontram desde o primeiro tempo entre os ancestrais que viraram caça ou gente. Se você não conhece, original é.

O plano final, aberto ou geral, tem um horizonte de eventos mergulhado em água doce. Nesse rio, o maior entre os maiores em volume, cabe a água de todos os humanos que já existiram... Pois, impotáveis, mais da metade da composição do nosso corpo é água.

O HÚMUS QUE LIA SENTINDO-SE ANTI-HORÁRIO

Não. Não é o meu país. É uma sombra que pende no peito do céu.

Muito antes desse instante que se ambiciona eterno o dia virou noite nas terras do Igarapé Tietê ou, para uns poucos íntimos, Tio Tietê. A escuridão daquela segunda-feira era resultado de queimadas distantes e da omissão disseminada de antes. Sem fogo, o normal no primeiro tempo, a evapotranspiração da Amazônia assegura que chova água e não essa pulverulenta fuligem no sul do continente. A fumaça epidêmica se impôs.

Na noite dessa outra segunda-feira, no entanto, pode-se olhar ao longe, o céu está aberto em toda a grande São Paulo. Nenhuma nuvem, aliás, aparece por aqui há 2.999 dias, nas contas da cada vez mais raquítica Sociedade dos Apreciadores de Nuvens. E é por isso que os menores mal conhecem a tal da chuva.

O Pico do Jaraguá está tomado por Terranos interessados em um tipo de união cósmica, sugeriu alguém. O Pico oferece, sem cobrar nada, uma vista de até cinquenta e cinco quilômetros e mais, muito mais, infinitamente mais, se você inclinar a cabeça. Só não oferece wi-fi porque os Indígenas da área desativaram as antenas do cume. Não precisamos delas... O Xamã é a antena da raça!

UM PÁLIDO PONTO AZUL Somos mais Húmus que humanos. Mera matéria orgânica aguardando ser decomposta pelas microempreendedoras mais fantásticas da Terra. Falo da boa bosta das Minhocas.

Somos poeira de estrelas.

Pois dizem que beeeeeeem lá atrás, na infância do universo, compartilhamos, num átimo, o mesmo átomo.

Ele gosta de ler. Era o que mais gostava de fazer. E quando escrevia, quase sempre, era sem autorização. Nos muros. E há cada vez mais deles. Fartos. Farpados ou não.

A teoria é precária, mesmo a melhor é, como bem sabemos porque a prática assim demonstra. Ele caga raiva antes de ter um programa ou pensar na dobradinha tática/ estratégia. Atire a primeira Pedra quem nunca. Alguém, veja só, pixou antes o que ele acreditava ter pensado primeiro na origem da sua suposta originalidade.

A ação rende prisão e é ali que ele conhecerá um dos Celestes.

TODO SUOR EMANA DO POVO

Com base em um suposto "vazio demográfico", sob o lema de "integrar para não entregar", a zona franca de manaus (zfm) foi criada para impor "um modelo de desenvolvimento econômico" aos Povos da Floresta, como diz a extinta página — que, aliás, era horrível, apresentando em sua estética a sua natureza antiética — da superintendência da zona. Foi quando Mata virou verbo. Verbo Visual Violento.

A zfm, diz o decreto-lei criador, "é uma área de livre-comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, estabelecida com a finalidade de criar no interior da Amazônia um centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitam seu desenvolvimento, em face dos fatôres locais e da grande distância, a que se encontram, os centros consumidores de seus produtos".

O artigo primeiro diz o quê; o segundo, onde: O Poder Executivo fará demarcar, à margem esquerda dos rios Negro e Amazonas, uma área contínua com uma superfície mínima de dez mil quilômetros quadrados, incluindo a cidade de Manaus e seus arredores, na qual se instalará a Zona Franca. O quando? 28 de fevereiro de 1967; 146° da Independência e 79° da República.

Agora é hora da história que a história não conta.

ANTES DO FIM DO MUNDO TEM O FIM DO MÊS Muita coisa mudou desde então. Fatores, no instante agora, se escreve sem circunflexo. Notou, embora isso fosse irrelevante, o Húmus atento buscando entender a ascensão e queda da zona. Pois, no fundo do mato-virgem, a Floresta retoma o bosque de cimento e seus quilômetros quadrados repetitivos, sem graça.

O Húmus, desalentado segundo estatísticas, também começaria a tentar entender o que está além. Alguém sugeriu um caminho subversivo: buscar respostas no tempo do sonho (ignorando leis 24/7 — de alcance

global — contrárias ao sono).

A zfm, abandonada, é como uma chernobyl tropical na qual os animais "irracionais", após a saída do húmus sapiens, correm, caminham, saltam, rastejam e até desejam sem precisar, é claro, vender sua força de trabalho à força.

Com o fim dos incentivos fiscais, em 2073, o que restava das maquiladoras foi embora. Nas décadas anteriores, a zona já definhava com a previsão, acertada, de que não haveria uma quinta prorrogação desses incentivos (a quarta — e última — foi em 2014). O ocaso, porém, foi revigorante para o entorno e o retorno de Existências tidas como extintas.

Apenas uma fábrica segue em atividade. Pois ninguém sabe como desligá-la e quem tentou foi empacotado por robôs como se mercadoria fosse. Se manufatura coisas que ninguém mais quer (ou sequer poderia pagar) e a produção aumenta a cada trimestre, mesmo que não haja pedidos. Não há mais demanda. Nem mesmo pelas máquinas de recalque outrora líderes de vendas. O que a fábrica faz é sugar a parca energia que hoje alimenta manaus e cercanias transformando apagões antes semanais em diários.

Essa lenta morte institucional fez com que empresas migrassem para o alto-mar: longe de leis, qualquer uma, e pertinho de poucos impostos em ilhas artificiais criadas pelo terceiro trilionário. Os paraísos fiscais, tão comuns em séculos anteriores, foram ultrapassados por tempos fluidos: alguns até mesmo submersos pela elevação dos oceanos.

Os outros dois tri e mais alguns poucos bi sabiam que o planeta, no modo lucro máximo, era inviável e eles apenas se preparavam para o "Evento", quando o apocalipse ambiental, associado aos tumultos de sempre, levaria ao colapso do modelo. Essa ruína, se eles não se antecipassem, também levaria ao colapso dos próprios. Primeiro passo: esses poucos, algumas centenas, se tanto, pesquisavam sobre como se proteger da insurreição. Se isolar em cidades fortificadas, bunkers, ilhas artificiais e, logo, no espaço sideral seria a resposta final ao problema inicial nunca resolvido. Ilhar-se, insular-se, em suma. Só com os seus e suas propriedades mercenárias.

O segundo, tão relevante quanto, era garantir gargantas intactas e um staff leal. Mas como? Se salário, dinheiro, as peles de papel que tanto amamos, provavelmente, já não teriam valor algum na hora do "Evento"? Coleiras de obediência, surpreendentemente, estavam se mostrando mais eficazes (e baratas) que robôs.

Os pretensos mestres do universo jamais pensaram, é claro, em colocar o mundo no modo lucro mínimo (ou médio, vá lá). Ou mesmo fazer algumas concessões, sutis que fossem, perder um pouco em troca de possibilidades outras, a fim de evitar a guerra dos mundos: a luta entre Terranos, os habitantes da Terra, e esses poucos humanos.

São poucos. Com viés de queda. Mas como dói. Contam-se nos ossos dos nossos corpos — antes da polícia quebrá-los. Criaram n maneiras de manter o mundo sob

controle. Cada um tem um exército privado, pois o estatal se mostra instável em sua missão original, porém, essa é só a forma mais explícita de domínio. A gestão imperial da vida alheia se espraia em tudo.

A guerra não será fácil, mas um parente do rio de janeiro lembrou certa vez: nós, terranos, ganharemos. Porque, afinal, lutamos em Casa. Embora, não é segredo pra quem se importa, esteja em curso uma tentativa de desintegração de posse de quem só quer o seu usufruto. Guerra aos nossos supostos senhores, selvagens! Paz entre nóis

MEDO, SURPRESA OU VIOLENTA OMISSÃO

"A alteridade termina quando alguma autoridade entra na sala."

(Anônimo, em algum momento na década de 2020)

A grande manaus, decomposta por treze cidades, havia se transformado na quarta zona de exclusão social (zes) do brasil, o que só formalizava o arbítrio de sempre. A carga militar era indiscriminada, as regras de engajamento flexíveis o suficiente para que qualquer um dentro de uma zes fosse considerado um combatente inimigo a ser "neutralizado". E quando falamos em engajamento, isso já deve ter ficado claro, não se trata daquelas práticas de interação do antigo online.

Mas a violência da flecha dignifica o alvo, escreveu ou falou alguém que nem era muito legal. Porém, dentro da zona existiam bolsões de bolsas Prada. Ali a polícia jamais ousou invadir casas ou atirar a esmo. Poucos quilômetros, às vezes, metros, separavam produtos de luxo, tais como a democracia, e o Nós, o povo!

A cada morte, a cada abuso, casos isolados que se repetiam diariamente, Nós começou a responder atacando o policial responsável, depois o batalhão, depois o comando geral da própria. O primeiro evento de resposta rápida, uma espécie de "pronto-emprego" popular, do qual se tem notícia na região Norte aconteceu em 28 de maio de 2019. Ficou conhecido como "O Caso do Mingau".

Um sargento da polícia militar do acre deu um tapa na cara de uma Terrana. Ele ficou irritado porque o mingau dela chegou antes do dele em um restaurante na capital rio branco. Ela e outra reagem: trocam socos e esfaqueiam o policial que teve o pulmão perfurado, mas sobreviveu para aguardar a sua vez em filas futuras. Esse caso também revelou ao país que os acreanos, mesmos os adultos, adoram mingau.

As rebeliões na região metropolitana de manaus eram tão frequentes que o governo local poderia, a qualquer momento, instituir novas leis de exceção aos remendos excepcionais e adendos da semana passada. Juízes, iguais em qualquer clima, se orgulhavam de um mandado coletivo (permanente) de busca e apreensão. O que parecia uma demonstração de força só confirmava aos Ingovernáveis, mais uma vez, que as "autoridades" não faziam a menor ideia de onde, quem ou o que procurar.

Era uma contrarrevolução sem sequer — que pena

— Revolução alguma em curso. Povos milenares dali, todavia, aprenderam a respeitar o cultivo do tempo. Até pelos temporais. "Quando o trabalhador tá pronto, o trabalho aparece", disse um caboclo velho, certa vez, a vez que acabamos de relatar, sobre a colheita de algo que ele não especificou e, creio, nem precisaria pois todos entendemos o ponto, né?

Foi o período de grupos, facções, gangues e a polícia era só mais uma. Eram os últimos dias de manaus como a conhecíamos. Quem mandava ali dizia que ela jamais cairia. Mas quando esses dizem que algo jamais irá acontecer é porque já aconteceu ou está acontecendo.

O conflito se dava no micro, no macro e no mato, nas prisões e fora delas. O Húmus que mais lia participou das rebeliões selvagens e aprendeu lições valiosas de como recuar sem cair e avançar cedendo espaço. Até mesmo o teórico participou. Embora ele tenha sido preso — segundo o próprio contou ao lado da privada da cela — simplesmente porque andava com um "caderninho". Sem nenhuma palavrinha que fosse. Isso bastava. Qualquer coisa basta se permitirmos.

"Nós sabemos, eles não. Nada sabem. Só creem. Credo!" Essa frase nem era sua, mas o primeiro interventor federal do amazonas a ouviu e a usou antes da fuga que seria chamada, formalmente, de licença (até para que ele pudesse garantir um novo auxílio). manaus caiu e a capital foi transferida para a cidade de barcelos, quatrocentos quilômetros rio acima.

barcelos foi a primeira capital da capitania de são josé do rio negro, depois estado do amazonas. Na verdade, qualquer tapado notou, era retirada e não transferência. Mas seria humilhante demais admitir o que todo mundo sabia. Logo a capital seria transferida, novamente, para ainda mais longe.

O último prefeito (eleito) de manaus também caiu, melhor, foi arremessado do poder após mais uma rebelião por causa de mais um aumento da passagem de ônibus. O sistema era um lixo, o que deveria ser expresso era, diziam os seus usuários, "extresso". O prefeito revogou o aumento: era tarde, havia muito estresse nas ruas.

Foi quando, no auge da coisa, vazou um vídeo do prefeito na inauguração de um centro de atendimento ao turista na ponta negra, área nobre da então capital do amazonas. Quando indagado por gente da mídia independente se isso era prioridade em uma cidade tão desigual, o prefeito se saiu assim, aguardem um tiquinho, com essa que virá:

"Um país sem miséria é um país sem folclore. Sem isso o que resta? Por que que os gringos viriam pra cá? É parte das nossas tradições..."

Pra ser justo, se tinha uma coisa boa no imbecil é que ele não fazia distinção entre baixa e alta cultura, tampouco, entre o Baixo e o Alto Amazonas. Ele foi criado longe: só aparecendo no período eleitoral com algumas gírias decoradas que já nem eram mais usadas — risco ao qual os escritores também estão sujeitos.

O Povo, uma ideia cada vez menos abstrata, ocupou a sede do governo municipal e arremessou o prefeito do teto — sem aguardar a publicação do ato no diário oficial. O edifício não é muito alto e ele só quebrou a perna. Duas, diga-se. Quando imagens do ex-prefeito se arrastando pela avenida brasil (onde ficava a prefeitura) chegaram em brasília a zes foi decretada.

Afro-asfixia. Prisões e deportações em massa, toque de recolher, censura indiscriminada, campos de concentração, desaparecimentos, execuções públicas e privadas, tortura física e psicológica, ataques sônicos, econômicos, biológicos e químicos indicavam certa normalidade em manaus e nas demais capitais do brasil.

O leque de violência do Estado, sempre em estado homicida, era enorme, e não se encerrava aí... Então, pombas, era certo, inevitável, não haveria escapatória, a herança para os nossos netos era um necroestado?

Todavia, quem ainda ouvia escutava: as culturas orgânicas se organizavam. A gente trabalha com o que tem. Reúne o que dá e faz uma gambiarra com unhas e garras. O Manauara é o amanuense do engenho alheio.

Cada enterro era a razão da rebelião seguinte que levaria a um novo enterro. Era necessário manter o ciclo para quebrá-lo. Uma necessidade jamais vista como virtude. Cada morte deveria custar caro aos assassinos. Enterros de humanos e não humanos, cachorros, por exemplo, seguidos de vigorosas, animadas quebradeiras de inanimados.

Na última Assembleia Popular, na sede de uma prefeitura ocupadérrima, um professor de história lembrou dos ensinamentos de um parente já consideravelmente morto que viveu muito longe — mas não durante muito tempo — lá do outro lado do atlântico: nem os nossos mortos estarão em segurança se o inimigo vencer.

MOTIM MOTO-CONTÍNUO Celestes.

Esse é o nome do segundo principal grupo insurgente. Esse também é o nome dado aos Pajés mais poderosos do passado. Poder talvez não seja a palavra adequada. Não, não é bem isso. Os Pajés se comunicam com quase todo tipo de Ser em busca de uma harmonia dos mundos: uma delicada negociação cosmopolítica. São muitos mundos e eles são cheios de nós entre Nós.

Quem escolheu o nome, ninguém sabe. Talvez até tenha sido o inimigo, pois, às vezes, o inimicíssimo se empenhe muito em definir antes de destruir. No início é quase uma paixão. Os burocratas costumam gozar é nessa etapa do processo.

A Aliança dos Povos da Floresta, sempre renovada, é ampla. Abarca diversos grupos e organizações, como os Celestes. Reúne gente da cidade e do campo. Diversas etnias Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhos, remanescentes de todos e todo tipo de húmus engajado. Especialistas em diferentes fins de mundos. A Aliança também é multiespécie. A espécie, a princípio, pouco importa. O importante

é a relação e, ao contrário do que escreveu certa gente, não é impossível pactuar com os não humanos. Até um velho comunista se aliançou... Trata-se, alguém tentou retratar, de uma "trama celeste".

Outra organização que merece destaque é a Facção Popular Pró-Plebeu. Menor, quase insignificante em tamanho perto de outros grupos, porém, muito relevante por causa dos seus infiltrados no judiciário. Havia outra organização de nome parecido, uma dissidência da primeira, só que sem o Popular.

A agência brasileira de inteligência (abin) tentou, em vão, descrevê-los: criar um organograma, uma cadeia de comando, mas a constelação de grupos era demasiada. Diante do cosmos, a inteligência só viu caos. A cosmofobia atrapalhou a análise, reconheceria um antigo diretor-geral da agência.

No passado, comentou um especialista em trucidar o outro, o nosso organograma (ele fala do seu referindo-se ao aparato repressivo) e o dos grupos subversivos eram bem parecidos, o que sempre facilitou a repressão.

Os Indígenas, é claro, eram os mais discriminados entre os discriminados no imenso repertório de discriminâncias à brasileira. Eram segregados (ou coisa pior), por parte dos brasileiros que chegaram muito depois, porque eram índios demais ou de menos. O que sempre, rigorosamente, terminava com um coisa parecido a um "assim é fácil".

"É índio, mas tem carro, usa celular, né? Assim é fácil."

"Índio tem que produzir, trabalhar. Fica no meio do mato sem fazer... Assim é fácil."

A IMPOSSIBILIDADE DE MANTER A IMPOSSIBI-LIDADE

229º da Independência e 162º da República. Em um sete de setembro daquele ano, um comando armado se identificou como "substância rebelde" (sem maiores e, convenhamos, necessárias explicações) e dinamitou parte da ponte estaiada de mais de três quilômetros de extensão que ligava manaus a iranduba na margem esquerda do rio Solimões, no encontro deste com o Negro, isolando-a da então capital do amazonas. Na ponta da ponte da nova fronteira criada pela ausência de uma seção da mesma foi colocado um grande painel (também sem maiores e, condigamos, necessárias explicações): NEM CERCA, NEM MURO.

Bananas de dinamite confiscadas de construtoras e mineradoras foram usadas nessa desconstrução (ou atentando, segundo a imprensa). Ilhar-se. Tinham aprendido isso com os ricos. Analistas em análises analisaram que essa ação, essa aparente demonstração de força, indicava que o movimento na verdade se dissolvia. Ingênuos: ele estava é se diluindo. Coisas bem distintas embora, eventualmente, sinônimas. Evaporando para se reagrupar em outra forma. Como a água que muda o seu estado físico mantendo a mesmíssima essência caso ela não tenha sido contaminada pelo mercúrio do garimpo. A sorte estava lançada. Mas esse Rio era muito maior que o Rubicão...

Os moderados pediam calma, conciliação, por favor, e água mineral com gás entre uma entrevista e outra. Diziam que índio de verdade não usa arma. Isso trai tradições... A roupa, o celular, a arma, não nos faz nem mais nem menos, em nota, notou a Aliança. Os embusteiros queriam era um Povo indefeso, desarmado, para que a "negociação" se mantivesse na tradição de séculos anteriores.

A Aliança dos Povos (e suas parceiras afetivas) declarou independência e convidou todos os que tivessem amizade pela Floresta a fazerem o mesmo. A escolha do mês teve dois aspectos: simbólico, pois foi em um sete de setembro que o brasil oficial teria, supostamente, é o que diziam na escola e logo partiam para a tabuada do 8, se tornado independente, e ainda prático, pois era o início da estação seca, o que reduziria o número de possíveis pontos de desembarque dificultando a retomada pelo inimigo. Pois seca é tempo de bancos de areia e arraias. Menos pontos para se vigiar e uma possível invasão vingar.

Na cheia, com mais opções, o governo tentaria reconquistar o território, até desistir, pelas próximas vinte estações. Mesmo na época da cheia o desembarque, que precisava ser feito em pontos menos apropriados para esse tipo de operação, era perigoso; paliçadas naturais formadas pelas copas das maiores árvores, em parte submersas, se tornavam armadilhas para os barcos e afogaram muitos dos que mergulharam e ficaram presos em seus troncos. Quem sobreviveu jurava que os troncos, na verdade, eram garras da temível Caipora. O Rio é bem diferente do Mar e suas Marés

Os famosos artesãos de iranduba, antes conhecidos pelas suas belas e inofensivas peças entalhadas em madeira, construíram armadilhas em pontos estratégicos e inundaram irandubenses com bombas de contato. Melhores e, por isso, mais mortais que a original, inventada pelos Sandinistas.

Quem desembarcou (e escapou da Caipora): desertou. Em sua maioria. Os inimigos que insistissem na luta eram mortos do jeito que desse. Para os mais resistentes se usou até a terra das suas pegadas em feitiçarias. Uma parte morreu. Outra ficou zumbificadamente pior: em estado fantasma. Imagens de morte, enviadas por Xamãs, quebravam a moral dos invasores. Piranhas, com frequência incomum, freavam ataques. Gaia reagia?

brasília tentou cooptar e até mesmo negociar — daquele jeito — em raros momentos. Principalmente porque algumas "autoridades" tinham ficado do outro lado da ponte. Mas a única relação efetiva foi a troca, eventual, de prisioneiros. Câmbio com uma cotação que resumo: cada prefeitinho valia dezenas, cada juizeco até centenas de rebeldes.

Algumas dessas "autoridades", no entanto, ficariam muito tempo na zona autônoma porque sua mera presença desestimulava ataques aéreos ou bombardeios a partir do Rio pela marinha; assim como a visita, regular, dos digital alguma coisa, de celebridades da música e do cinema em apoio aos Terranos mobilizados e aos mortos. E ali entravam humanos e não humanos na contagem

das vítimas. Historiadores em toda parte, para ser justo, já tinham começado a refazer contas. Na Grande Guerra, que depois viraria a Primeira, só de cavalos foram oito milhões de mortos.

Um efeito colateral das queimadas que se intensificaram desde o começo do século vinte e um é que o tráfego aéreo na seca se tornava muito difícil, até mesmo impossível. Nem mesmo caças podiam rasgar o peito do céu nessas ocasiões. O próprio gov que estimulou, por décadas, o "Dia do Fogo" agora exigia sua extinção para melhor sufocar a rebelião. Foi o período de um longo, denso e opressivo MORMAÇO.

A instabilidade em outras partes do país também ajudaria na manutenção da zona pelos rebeldes. Pois o governo precisava destinar recursos ou mesmo deslocar tropas com frequência. As insurreições ainda eram debeladas, mas a um custo cada vez maior, como no rio de janeiro em 1904.

"O governo, submerso no caos da desordem, lançou mão de todos os recursos imediatamente disponíveis para a repressão. Como a força policial não dava conta da situação, passou a solicitar todos os reforços possíveis das tropas do Exército e da Marinha. Não foi suficiente. Precisou chamar unidades do Exército acantonadas em regiões limítrofes: fluminenses, mineiras e paulistas. Ainda assim não bastou. Teve de armar toda a corporação dos bombeiros e investi-la na refrega. Mas a resistência era tanta que precisou apelar para recursos ainda mais extremados:

determinou o bombardeio de bairros e regiões costeiras por suas embarcações de guerra. Finalmente convocou a Guarda Nacional. Só pelo concerto inusitado dessa espantosa massa de forças repressivas, pôde o governo, aos poucos e com extrema dificuldade, sufocar a insurreição."

Isso foi Nicolau Sevcenko escrevendo sobre a Revolta da Vacina. Ele virou nome de auditório, merecia mais, mesmo que isso não seja o mais importante.

Com Canudos foram necessárias quatro expedições, uma maior que a anterior até a destruição do arraial (hoje submerso sob o lago de uma usina hidrelétrica; o sertão virou mar, acertou o profeta). Com a Cabanagem trucidaram um terço da população da então Província do Grão-Pará, mais até, assassinaram muitos, mataram até não Pará.

Com outras rebeliões se deu o mesmo: a repressão concentrada, uma "espantosa massa de forças repressivas". Agora, porém, o gov estava dividido em diversas frentes. Cada território em luta ajudava o vizinho um tiquinho. Cada barricada barrava a necropolítica um pouquinho. Afinal, amiguinhos, não se pode esperar que outros lutem em nosso lugar para defender os nossos.

SEM SOLDO, SEM SOLDADO

Insubordinações amplas, deserções em massa e motins a montante foram o mote da década de 2050. Além do calendário anual, em todo o país, de greves selvagens.

Os policiais, aos poucos, paulatinamente, começam a ignorar o medo primordial das "elites" locais de um

haitianismo à brasileira e a "trair" (bem devagarzinho) a missão original da força que é a de impedir uma onda revolucionária das pessoas escravizadas — hoje livres apenas na forma da lei. É quântico, é paradoxal: o Haiti é e não é aqui. Deu errado, deu tilt, pensou alto um historiador, e foi aí que a polícia começou a dar certo.

A emenda constitucional noventa e cinco, que congelou os gastos públicos por vinte anos, terminou em 2036, mas seria renovada. Os salários, quando eram pagos, estavam congelados. Como o poder de compra já não existia, uma parte dos policiais mergulhou de vez na corrupção, a outra na insurreição.

Um dos que mudaram de lado, sem avisar, foi o agente da abin que monitorava a célula Celeste no complexo penitenciário anísio jobim, em manaus. O ponto de vista, como se sabe, altera o objeto e, como se soube, o sujeito. Estavam presos, é verdade, porém, nunca trancafiados na cela da subjetividade alheia.

O agente duplo, cindido, digamos, compartilhava informações e arrumava documentos falsos para insurgentes, inclusive para o Húmus leitor aficcionado. Ele e mais cento e dez presos escapariam da prisão, o mesmo número de Tupamarus uruguaios em 1971.

[&]quot;Não o acorde."

[&]quot;Mas eu vou... Cair fora."

[&]quot;Entenda... Ele tá lutando em outra frente. No momento certo ele vai acordar. Ou não..."

"Outra frente?"

"Falam... Como é? Entremundos? Acho que é isso."

A mágica existe. Pode funcionar, já funcionou, funcionará mais uma vez, mas há uma troca energética. Você precisa oferecer algo para alcançar o que está além. O preço se cobra no corpo. Exige, até mesmo, o sacrifício supremo.

O Húmus queria se despedir, antes da fuga, de quem o havia ajudado, ensinado, lhe dado... Um norte? Mas não. Não devia acordá-lo. Ele estava no tempo do sonho, antecipando algo, criando uma nova perspectiva ou, talvez, apenas dormindo mesmo, o que também é legítimo. O revolucionário de verdade protege o sonho do outro.

O Terrano, que nunca foi moderno, que misturava pajelança cabocla e indígena, que chamava cidade de cemitério vertical, que o agente da abin acreditava ser o líder dos insurgentes, após sonhos intranquilos, acordou metamorfoseado num monstruoso todo.

Ele tinha 40 anos.

PLANO DOS TRABALHOS CIENTÍFICOS NECESSÁ-RIOS

O governo, em brasília (e cada vez mais restrito a essa porção de asfalto), passou a denominar a região das comunidades autônomas de a "Terceira Margem". Ali as

leis da física pareciam seguir outra lógica: armas confiáveis engasgavam, soldados experientes travavam.

A zona começou com a ocupação de iranduba e logo se expandiu. Os irandubenses, assim como os manauaras, viveram ciclos de prosperidade e decadência, o primeiro pra poucos, o último sempre pra muitos. Agora era pior: uma prolongada estiagem econômica.

A maioria das comunidades já tinha pouca relação e quase nenhum interesse no poder central. Sobreviviam às margens do lucro, ignorando o devir dívida.

A prima medida foi criar o Parlamento das Coisas, que reunia Terranos e Outros. Todos os viventes tinham voz. Voz, canto, mugido, entre outros. Bastava ter Amizade pela Floresta. Viventes e não viventes.

Até mesmo seres supostamente inanimados eram considerados. Pois, afinal, há objetos da nossa afeição, bem diferentes das muitas mercadorias que logo, mesmo longe da sua obsolescência já programada, viram objetos órfãos. Quando não pensamos tudo vira mercadoria. A Natureza, é claro, ali era sujeito, jamais objeto.

Se considerarmos a classificação do instituto brasileiro de geografia e estatística (ibge), todas as cores e raças estão representadas na Aliança e em seu Parlamento sempre temporário. A saber: branca, preta, parda, indígena e amarela. Os brancos aliados, cabe ressaltar, são tratados como pretos pelos inimigos. Mas é pouco: o ibge não considera nada além do humano e sua utilidade estatística. Mas é muito: o próprio ibge foi quem constatou o processo de desbranqueamento da sociedade brasileira lá atrás.

O Parlamento das Coisas (que Importam, alguns acrescentavam) tomou duas resoluções iniciais e depois foi dissolvido. Desde então, ele pode ser convocado a qualquer momento e se reúne, excepcionalmente, em tempos de guerra ou no caso de querência ou gerência autoritária de algum dos membros da própria zona autônoma. Pois a tentação imperial, explicou um Xamã que viveu entre os brancos, vem antes mesmo do capital e seu filho ismo.

A Universidade Cosmológica foi criada no ano seguinte. Todos éramos considerados, assim como todos os ramos do conhecimento: a ciência, a assim chamada, os saberes tradicionais e empíricos. Multiplicar Mundos. A cada verso, um novo pluriverso.

O debate ético mais importante daquele ano foi se o biólogo paulista deveria continuar com a pesquisa sobre a criação de variedades de raízes mais, milhares de vezes mais, agressivas. Ele próprio explicou o plano.

"A ideia é que essas raízes sejam dispersas pelas cidades fora da zona. Pra que a floresta retome o seu espaço. O tipo de raiz em estudo se mostrou eficaz, forte o suficiente para perfurar concreto, derrubar muros e até mesmo fundações. São poucas semanas até que os prédios, estruturalmente comprometidos, desabem sobre o seu próprio peso."

Porém, o foco, o esforço com os poucos recursos disponíveis era na pesquisa de plantas medicinais já conhecidas e em desconhecidos sistemas de defesa. Pois o bloqueio do governo era feroz, impedindo ou dificultando bastante a chegada de remédios e de tudo o que se torna essencial quando não temos.

Muitas luas depois, quando o república federativa do brasil move tropas, a floresta sente e manda um alerta para os rebeldes. São os Plantoides. Plantas androides criadas pelos Terranos. Algumas alertam sobre a aproximação da ameaça, outras encapsulam o inimigo na terra, o que já contribuirá para adubá-la. Uma muvuca de sementes e gente.

QUANDO AS DINÂMICAS DOMINAVAM A TERRA Procuramos colaboracionistas com muita experiência e pouco ambição salarial. 24/7. Sem filhos.

Era uma vaga arrombada. Mas todos estavam dando o melhor de si mediante o esforço alheio.

"E por que você quer ir pro espaço?" "Pela vista."

Todo mundo riu. Eu estava muito corporativo naquele dia.

"No pain, no gain, gente."

"Networking exige, sabem, um approach correto."

"É business to business."

O deadline, como os corporativos sem corporações dizem, foi rápido. Fui aprovado no processo seletivo. Mandei bem na dinâmica, mas o que importava vinha em seguida e, no leilão dos salários, eu aceitei receber menos que todos os concorrentes.

"Preciso de passaporte?"

"Não. É como se você não saísse do Brasil, entende?"

"Sim. Não vejo a hora de começar a trabalhar."

Era tudo o que um corporativo sem corporação, a quilômetros dele, diria. Entre mim e a minha pessoa agora havia uma distância enorme... Eu era um mero passageiro, um dublê no meu próprio corpo.

O SOBRENOME SUFIXA A IDENTIDADE

É a Simbiose e não a hereditariedade que conta. Mutirão Multiespécies. Essa era uma das proposições fundamentais de quem começava a se revoltar.

A jurisdição do tribunal de justiça do amazonas (tj) "abrange a Comarca de Manaus e mais sessenta comarcas do interior do Estado", como diz o seu antigo lugar na internet. A sede do tj, contudo, hoje fica em outro estado, a quase dois mil quilômetros de onde deveria estar. Razões de segurança.

Maçaneta maçante: eles são de uma linhagem que não domina a técnica de abrir portas. E foi analisando certas cadeias hereditárias que chegamos nessa situação precária. É o que nos revela a história que segue...

O tj é dominado por sete ou oito famílias que desviam recursos, ampliam auxílios bem superiores aos salários da plebe e manipulam concursos para garantir o ingresso de filhos, netos e bisnetos (pois eles costumam viver bastante e gerar receitas descendentes sobre juros compostos).

Juízes da realidade: empenhados em promover condenações em massa sem ao menos oferecer ao acusado o direito de defesa. Todo caso de arbítrio, quando isso raramente virava alguma ação judicial, era arquivado. Os integrantes do tj eram meros despachantes, ainda que de luxo, dos esquadrões da morte.

Boa parte dos juízes das varas criminais morreu antes que se descobrisse: copeiras se articularam para envenená-los com uma Planta Amazônica pra lá de venenosa. Não. Não, obrigado. Não, muito obrigado. Não se devia aceitar o café de avós, mães, tias, irmãs ou amigas de presos, mortos ou desaparecidos. É o famoso chega, já deu, basta! O ponto de não retorno.

O cafezinho vitimou alguns, mas a maioria morreu mesmo ao beber sucos típicos da região que só os bem ricos estavam conseguindo provar ultimamente: açaí, bacuri, cupuaçu e demais, bem mais.

EM VEZ DE COACH, XAMÃ Momentaneamente ou pra sempre ele perdeu a frágil ligação com o mundo. brasil? Prefiro Brasis ou outros nomes que já existiram como Pindorama. "Essa urgência de ser alguém não te cansa", pergunta (ou afirma?) o morto.

O Húmus acorda suado. Uma fina camada o separa da morte. Faz frio. Se lembra quando, lá em manaus, entrava nos lugares pra usar o ar-condicionado. Ele sonhou com o Celeste, o único deles que conhecia, que o ajudou na prisão, que lhe deu algum norte, embora não fosse muito clara a direção.

Considerava-o um Xamã, mas não sabia se era considerado da mesma forma por outros, se tinha tal título e tal. Mas não há cátedra para esse tipo de coisa. O Húmus nunca o entendeu direito, mas, convenhamos, não é preciso compreender tudo o que um amigo faz ou diz. O vínculo, na dúvida, basta. "A tomada de consciência é uma forma de feitiçaria." Eis a frase que estamparia sua camiseta imaginária.

Esse sonho foi diferente dos outros. Havia uma mensagem clara, bom, que ele acreditava ter descriptografado. O despertador toca e ele se toca da troca de turno. Alcança a esteira rolante e logo para porque ela parou. Os trabalhadores, ali chamados de colaboradores (com graves consequências para quem ousar falar algo diferente), terão de seguir a pé. Uma fina camada mantém o nosso e outros obedientes. É a prisão perfeita. É também, portanto, o local de trabalho ideal.

A esteira deveria ser confiável como a lagarta de um tanque russo, mas raramente funciona. A caminhada dos colaboradores cabisbaixos termina em uma enorme janela retangular. Pelo grande retângulo, ele, terrabolista, vê a forma mais ou menos circular conhecida como Terra. O Húmus para e a enquadra com as mãos, colocando-a no lugar-comum mais batido dos cineastas. Como parou sem permissão, é advertido pelo auxiliar de segurança do setor que responde ao supervisor de área subordinado ao chefe de seção do turno que segue ordens do gerente do bloco. Os capatazes espaciais são espacialmente violentos.

SUPRESSÃO DOS COSTUMES SELVAGENS

Quando as medidas de "pacificação" se mostraram inúteis, quando até as ilhas artificiais começaram a ser alvo de pirataria, refugiados e insurgentes, o terceiro trilionário do planeta precisou de uma nova estratégia. Um consórcio foi criado e foram lançadas fábricas a vácuo. Ainda mais longe de leis e impostos. Maquiladoras espaciais que iriam produzir em órbita e reexportar de volta pra Terra. Longe dos problemas terrestres.

A familiaridade com a água e os baixíssimos salários fizeram do Povo do Norte "colaboradores" espaciais perfeitos. As antigas agências estatais treinavam quem iria ao espaço em piscinas. Pois na suspensão líquida se simulava a suspensão em gravidade zero. Os astronautas, cosmonautas ou taikonautas — a depender da nação o nome muda — são, antes de tudo, mergulhadores. E a Amazônia produz bons (e baratos).

Quando se fala em "caminhada" espacial o mais correto seria falar em flutuada. Pois é na fluidez que você precisa se deslocar e os pés não irão te ajudar nem um pouco com isso. A escolha desses Terranos foi motivada pelo lucro, afinal, era uma mão de obra barata e que ainda exigiria pouco treinamento para se adaptar ao meio. O departamento voto vencido alertou: era uma brecha perigosa na segurança levar gente que poderia se sobrepor aos seguranças em um enfrentamento na microgravidade.

Os mercenários avisaram, imploraram, mas os idealizadores dessas fábricas perguntaram sem esperar resposta de possíveis respondentes: E quem irá se rebelar no vácuo? É morte certa. A depender da motivação (ganância ou desespero), a lógica pega caminhos ou atalhos dialeticamente opostos. O espaço, ao contrário do Planeta aqui embaixo que segue esquentando, é frio e bem apertado se você está em uma cápsula de metal: o que cria insatisfação, logo rebelião.

E não só: a microgravidade, por um longo período, causa sérios problemas de saúde. Pois fomos feitos pra Terra. Isso fica claro em pouco tempo. E era uma passagem apenas de ida: os colaboradores, tadinhos, precisavam ficar lá em cima indefinidamente. Em meses era possível ver o envelhecimento precoce. Logo, a osteoporose espacial criava ossos ocos. A rotação da nave era uma rótula esfarelada.

Até animais começaram a ser permitidos nas maquiladoras, pois um estudo demonstrou que isso dimi-

nuía a raiva e, por consequência, possíveis motins. Não foi o suficiente.

Em um dos casos a revolta foi tão desesperada e violenta que os colaboradores, antes que fossem demitidos, quebraram uma das janelas fabricada em órbita. Sabendo exatamente o que isso significava. A segurança chegou a apertar o botão antimotim; tirando o chão, a gravidade de todos, flutuando quem lutava ou só assistia. A nave, porém, já estava condenada.

O vidro perigosamente fino, muito inseguro, porém, muito mais barato e, por isso, o mais usado nas fábricas espaciais, nem chegou a cair no chão sendo sugado, com todo o resto, em uma devastação silenciosa. A bomba atômica também é puro terror e silêncio: a onda de choque é tão rápida que te pulveriza antes da chegada do som. Quem estava de costas em Hiroshima e Nagasaki nem se deu conta do fim.

TUDO O QUE É SÓLIDO DESMANCHA NO AR

A maquiladora é como um satélite artificial, embora muito maior que um, então, veja, é bem diferente. O período orbital, exatamente sobre a linha do equador, é similar ao movimento de rotação do planeta (assim como o dos satélites que guiavam os motoristas no passado). A fábrica em órbita se move a onze mil quilômetros por hora. A mesma velocidade com que a nossa Casa dá uma volta em torno de si.

O Húmus, muito mais metódico que a média, sempre se sentiu um tanto quanto na contramão. No espaço isso se tornou literal: pois a fábrica ia no sentido antihorário do planeta. Ele lia — apenas o que a segurança permitia —, comia — apenas na hora e o que a segurança permitia — e não podia fazer muitas coisas além dessas, mas jurava que sentia a diferença de sentido, embora o médico do lugar garantisse que isso era impossível. Seria como sentir os polos magnéticos da Terra. Alguns animais se orientam ou desorientam pelo campo magnético da Terra, mas isso não acontece com os humanos. É impossível. O médico era taxativo em seu diagnóstico.

O Húmus tinha tido uma sensação parecida, não similar, então, veja, é bem diferente, ao ler mangás (para os quais o sentido errado de leitura vira o correto, do nosso ponto de vista, é claro). Era como uma ironia kármica. Ou, como dizia o camarada de pixo, sempre que dava merda e quase sempre dava: karma, cara! O detrito era do tipo geoestacionário, sempre sobre o mesmo ponto do planeta, a uma altura de trinta e cinco quilômetros.

Leu e releu tudo isso e revisou, muitas vezes, nos guias da própria maquiladora, depois que se candidatou à função não remunerada de brigadista, combatendo incêndios enquanto outros fugiam. Era mó roubada, afinal, não se ganhava nada a mais pelo risco, a não ser um crachá que dava acesso a qualquer ponto da fábrica-nave. Afinal, era preciso entrada rápida, trânsito livre, acesso imediato aonde quer que fosse em caso de incêndio.

Muitos detalhes: sensores letais, códigos de acesso, troca de turno da milícia privada (e sempre é), contramedidas do sistema que poderiam ser acionadas de outros pontos da nave, comandos básicos para tirar o sistema do automático e colocar no manual antes que a central na Terra interviesse...

E o Húmus, tadinho, precisava decorar tudinho, guardar todas essas informações na mente. Pois as "solitárias", nome dos cubículos nos quais os precarizados dormiam entre os turnos, eram revistadas semanalmente em busca de qualquer material subversivo. O gato na sua cela era o seu único cúmplice neste plano.

É mais difícil esquecer o que se aprende no tempo do sonho. E, nessa época, os sonhos ainda não eram monitorados. Após meses de ensaio mental, sendo apoiado, talvez, até mesmo orientado pelo seu amigo em sonhos lúcidos, às vezes, muito além da muralha do sono, ele dispara o alarme de incêndio e acessa a ponte de comando, agora esvaziada, como nas simulações das quais já tinha participado. O Húmus espera o último brigadista se retirar do local, após a verificação de praxe, e a isola usando o código antimotim do momento (pois ele era alterado a cada turno).

Isso, automaticamente, impede o acesso ao comando da nave feita para nunca sair daquela órbita; exigindo horas, independente do pedido de quem estiver na direção, para que se possa abrir o local. Os engenheiros tinham avaliado que, em caso de revolta, seriam feitos reféns e poderiam ser usados para obrigar quem estivesse na ponte

de comando a entregar o controle. A ideia era não dar essa opção no caso — improvável — de alguma compaixão.

O chefe da equipe de segurança pergunta, pelo interfone, o seu nome. É parte do protocolo. O Húmus leu algo proibido e sabe disso. Primeiro o nome. Depois, meu amigo, qual a sua exigência para distrair vossa excelência. "Nunca quis saber o meu nome, arrombado! Qual a próxima? Exigência? Só quero uma coisa: caiam fora. Todos."

O Húmus ordena, novamente, aos ocupantes da fábrica: entrem nas boias [espaciais] e partam. Como alguns ficam na dúvida se era realmente sério e outros ainda planejavam acessar a ponte de comando, ele deu o prazo de cinco minutos: ou abriria as comportas e todos morreriam no vácuo. Ninguém mais questionou porque, afinal, ninguém ganhava bem o bastante para isso.

A altura do objeto em órbita deve ser corrigida de tempos em tempos ou a Mãe, por meio da gravidade, o trará de volta, fazendo com que se desintegre e se incendeie ao entrar em contato com a sua atmosfera. O Húmus, agora no controle, não irá corrigi-la e vai garantir que o computador não o faça, revogando certas diretivas.

Ele lê uma anotação, relê e liga o canal de comunicação com o mundo, com os múltiplos mundos aqui embaixo. Algumas das suas palavras virão de muito longe, são dizeres de outros que ele decide incorporar ao seu texto testamento. Inseguro seu primeiro (e último) discurso será. Que seja: é preciso elevar-se do concreto em direção ao abstrato.

CAIO, LOGO EXISTO

"Terranos do mundo, uni-vos! O infinito que habita em mim Saúva vocês! Poderíamos aprender algo com o universo [---] mas o que fazemos? Construímos um monte de lixo pra fabricar mais lixo e depois mandar todo o lixo de volta pra Terra. Tô no comando dessa [---] Mas não por muito tempo. Nas próximas horas, eu e duzentos e cinquenta mil toneladas voltaremos ao conforto da Mãe. Sabem? É da Terra que falo. Alguns vão dizer que isso é terrorismo [---] Mas essa nave não tem valor. A nave de valor é essa aí [---] Sem ela, como ficaríamos no espaço? Cairei bem rápido, fiquem atentos! Provavelmente sobre o oceano atlântico, bem próximo da costa de Pindorama. Brasil, se preferirem. Se o céu estiver limpo, será possível enxergar [---] Será como uma estrela cadente [---] Se estiverem em uma grande cidade, procurem um lugar afastado, alto, distante das luzes [---] se queremos mudar, se queremos realmente começar a mudar devemos [---] Depois, vale uma viagem ao fundo do ego. Esquecer quem somos é o que nos leva além, mas [---] É só o início da caminhada, nenhuma garantia além disso. Eu tinha escrito mais, mas... Eu sei que a minha fala pode estar confusa... Não tive muito tempo pra [---] estamos no meio da guerra. Eu ia dizer que a história é nossa [---] Tanta gente lutou... Tanta gente que ainda podia estar aqui, tanta gente que podia ter tido uma boa morte, como falam os antigos [---] Quero homenagear o meu amigo [---] Nos conhecemos na prisão [---] Sinto falta dele e queria [---] Mas nós iremos nos encontrar de novo... Talvez em sonhos não lembrados... Meu tempo logo acaba... [---] Devem cortar minha transmissão em breve. Pois

dirão que é subversão. E... [---] Tudo [---] Até o que eu não entendi hoje faz sentido [---]"

O Húmus não teve filhos e antes de fritar na reentrada pensa que não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. Mas transmitirá. A gota regressará ao oceano primordial...

MORREU, MAS PASSA BEM

Cito um bêbado: estrelas cadentes são perdigotos de deus. O corpo celeste, a estrela cadente artificial criada pelo Húmus subversivo foi vista por muitos: quase solitária, no campo vasto do céu.

Os Sateré-Mawé, a quem devemos a delícia e a energia que é o guaraná, e outros parentes da Ilha.

Os Ribeirinhos dos maiores e seus afluentes

Em suas canoas, os Aweti.

Os Yanomami das Terras Altas.

Ao sul, bem no ponto onde começou a invasão, os Pataxó. Descendentes dos primeiros do primeiro encontro.

Os Caiçaras de múltiplos litorais.

Os Krenak divorciados, não por sua vontade, do Rio.

Mais ao sul os Guarani do Jaraguá e de Parelheiros.

Ainda mais ao sul: os Kaingang e até uns poucos Charrua que resistem.

Nos cemitérios verticais, assentamentos e quilombos.

Nas ocupações, periferias e em todas as encruzilhadas.

Moradores das marquises também miram o céu.

Os passageiros assustados, cansados, atrasados, humilhados aguardam o trem na estação perto do Riacho do Anhangabaú. Ele ainda existe bem abaixo de nós. É assombrado. É o que dizem os seus mais antigos habitantes.

A plataforma do metrô está lotada. Tudo tem início em um bocejo silencioso, seguido de outros. Talvez aproveitando a forma que a boca bem aberta já assumiu, começam os urros e o quebra-quebra.

Bem perto do chão, curvado pelo tempo e, por isso mesmo, mais perto do pulso da Terra, o Xamã avalia que ainda é sim possível adiar a queda... Outra Queda. A questão é se devemos.

No primeiro tempo era tudo parte da mesma gente... É uma obrigação: nosso rastro no mundo deve desaparecer. Tem algo de infinito em nós, mas não, não somos nós que iremos alcançá-lo. Isso será papel de outros que também passarão o bastão adiante. Nosso corpo é o hábitat de outros. Alguns sentirão nojinho, mas germinamos outros. Os mais atentos já sacaram isso. Cada um que morre leva um

pouco daquilo que nos é mais valioso e banal, porém, se engaja em outra existência. De toda forma o mundo começou e terminará sem. É de nós, terranos, sejamos humildes, que falo. Mas esse é apenas um dos muitos mundos. Uns nem notarão nossa ausência. Outros a comemorarão (e com razão). O outro já está em toda parte, inclusive em você. Eu sou o outro. Poucos, talvez nenhum, quando já não existirmos dessa forma, estudarão o que fomos. Um manto, uma densa camada de plástico é o que deixaremos de mais marcante aos futuros geólogos alienígenas? Descendentes bem diferentes, parentes, porém, diferentes, se alimentarão de nós e injetarão matéria nova no universo. É que estamos em trânsito, apenas de passagem...

Assim é



Vencedor na categoria CONTO



